JUVENTUDES[1] EM CONTEXTOS URBANOS: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DE "FLANELINHAS"[2], NAS RUAS DE JUIZ DE FORA, NO PERÍODO DE 2005-2007

Millene Millen
Mestre em Educação pela FACED/UFJF
millene.millen@bol.com.br

RESUMO
Este artigo é oriundo da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora intitulada "Flanelinhas no espaço urbano: Um estudo sobre a inserção de jovens no mercado informal de trabalho" e objetivou a compreensão de como os jovens "flanelinhas" se apropriaram dos espaços e lhe atribuíram significado. A estrutura conceitual considerou a ideia de juventude em seu sentido plural – juventudes e requereu o aporte teórico da geografia sobre espaço, território e multiterritorialidades. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, com estratégias etnográficas, principalmente a observação participante e a entrevista em profundidade.
Palavras chave: Espaços; Juventudes; Territórios.

ABSTRACT
This article comes from the master's research program developed at the Post Graduation Program of Education School from the Federal University of Juiz de Fora entitled "Flanelinhas" in urban space: A study on the inclusion of youth in the informal labor market` and was aimed at understanding how the young "flanelinhas" appropriated the spaces and gave it a meaning. The conceptual framework considered the idea of youth in its plural sense - the youths and required theoretical basis of geography on space, territory and multiterritorial. The methodology used was of qualitative character, with ethnographic strategies, primarily participant observation and in-depth interview.
Keywords: Space; Youths; Territories.

1. INTRODUÇÃO

> Jovens da mesma idade, vão sempre viver juventudes diferentes (NOVAES, p. 121, 2003).

Partindo do pressuposto de que juventude não se limita a características físicas, biológicas, ou culturais, mas refere-se a todos esses elementos interligados,

[1]O Termo Juventudes será utilizado no plural visando destacar as diversidades presentes na cultura juvenil.
[2]Flanelinha é o nome dado aos jovens que cuidam da segurança de carros nas ruas de Juiz de Fora.

algumas reflexões iniciais são de suma importância para os estudos sobre Juventudes, ao qual nos propomos. Primeiro como jovens se apropriam/escolhem seus espaços de vivência? Segundo, como a juventude incorpora as diversidades dos contextos em que vivem?

O estudo das diversidades dos grupos juvenis, incorporando diferentes perspectivas de teóricos de Juventudes, associado ao estudo sobre espaços urbanos foi a temática da dissertação por mim apresentada na Faculdade de Educação em 2007, intitulada "Flanelinhas no espaço urbano: Um estudo sobre a inserção de jovens no mercado informal de trabalho nas ruas de Juiz de Fora". Esse aprofundamento permitiu compreender a juventude como processo, composto de múltiplas trajetórias entre a infância e a idade adulta. Os estudos desenvolvidos, encontraram respaldo em autores que concentraram suas pesquisas em juventudes – Abramo (1994, 2003, 2005), Pais (1993), Spósito (2001, 2003, 2004, 2005), Carrano (2002, 2003).

Em oportunidades nas quais falamos sobre juventudes, inúmeras vezes fomos questionados por pessoas que associavam o estudo de Juventudes à droga, à violência, à instabilidade familiar ou à gravidez precoce de adolescentes. Ao contrário destas perspectivas, a pretensão desta pesquisa sempre foi a de desmitificar pontos de vistas sobre Juventudes, nos quais os jovens são vistos enquanto problema. O senso comum tende a afirmar certa falta de limites das juventudes cristalizando a idéia dessa faixa etária como problema. A nossa proposta é de uma outra perspectiva: a de compreender a cultura da rebeldia, da contestação, com "a cara" de jovens que podem e querem participar dos diversos segmentos sociais e culturais, mesmo com perfis diferentes daqueles esperados pelos adultos.

Mas, onde estariam os jovens? Inicialmente, pensamos em desenvolver a pesquisa em espaços de vivência de juventude, no interior de lugares tais como escolas, *lan-houses*, bares, boates, academias. Depois percebemos que estávamos privilegiando um grupo social que tinha acesso à "certos lugares", e que precisaríamos ir ao encontro de outros jovens em lugares diferentes.

"Por que uns e não outros?"

Assim, buscamos jovens de classes sociais menos privilegiadas com acesso a bens culturais diferentes e que contestavam diferentes valores. Tivemos oportunidade de dizer de Juventudes em suas características peculiares, o que seria diferente de juventude, como problema.

Em observação pela cidade de Juiz de Fora, onde a pesquisa de mestrado foi desenvolvida, encontramos jovens dividindo o mesmo espaço de vivência, mas em papéis diferentes dentro desse espaço, ou seja, enquanto encontramos jovens se divertindo no interior de bares, *boites*, Shopping Centers, encontramos jovens excluídos do lazer e que fizeram desse mesmo espaço, um espaço de trabalho informal, jovens que estavam do "lado de fora", e ganhavam a vida tomando conta de carros nas ruas de Juiz de Fora e se identificaram como "flanelinhas".

É possível, observar que os jovens, do ponto de vista legal, chamam atenção como vítimas ou protagonistas de problemas sociais, fazendo com que políticas públicas sejam dirigidas a eles, focando questões de desemprego, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, drogas e violência, bem como, reforçando no imaginário social a representação de juventude enquanto problema.

Na dimensão econômica, a população jovem representa uma fatia privilegiada do mercado consumidor, o que gera uma profunda contradição, pois poucos tem capacidade financeira para consumir os produtos oferecidos, apesar da imagem do jovem consumidor ser freqüentemente difundida pela mídia e propaganda.

Na dimensão educacional, em especial nas propostas escolares é possível perceber, no Brasil a distância entre o mundo escolar e o mundo juvenil. Mesmo tendo o Estado dispositivos legais que asseguram o acesso aos jovens à educação, a permanência desse jovem na escola é difícil. Isso ocorre num contexto em que, primeiro, a escola não incorpora a cultura dos jovens em seu currículo, tornando-a descontextualizada em relação às perspectivas juvenis, segundo, porque a relação da escola com a juventude é marcada pela desconfiança e pelas práticas de vigilância e monitoramento. Terceiro, os professores tendem a tratar de forma igual aos desiguais ou a tratar de forma desigual aos iguais.

O binômio Escola e Trabalho visou ampliar a compreensão dos jovens em suas diversidades, pois foi possível perceber que tanto os jovens mais pobres quanto os de classe média aspiram combinar estudo e trabalho. Isso se deve ao fato de que a mesma sociedade que estabelece a equação do aumento do tempo na escola e a postergação da entrada no mercado de trabalho produz apelos de consumo. A pressa em trabalhar mais cedo está ligada, para alguns jovens, à busca de independência financeira que possibilite acesso ao consumo e ao lazer e para outros jovens é a garantia da sua sobrevivência e de sua família.

Convém ressaltar que o fato de estar na escola (uma condição quase universal dos diversos modos de ser jovem) tende a definir a condição juvenil e a retardar a entrada dos jovens no mundo do trabalho.

2. A propósito: Juventudes

Propomo-nos a argumentar em favor da visão plural que justifica a expressão "Juventudes". Cremos poder começar com uma questão que preocupa muitas mentes nos dias atuais: afinal, o que é juventude?

Spósito (2001, 2003), alerta sobre a própria definição da categoria juventude, considerada "epistemologicamente imprecisa". A autora acredita "que parte desta imprecisão" decorre da sobreposição indevida entre a fase de vida e os sujeitos concretos, em virtude de que os "atores" interessados na juventude, "sobrepõem os jovens (sujeitos) e sua fase de vida (juventude) como categorias semelhantes". Recorrente a Abad (2003, p. 10), a autora propõe outra distinção importante, entre a "condição (modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida) e a situação juvenil, que traduzem os diferentes percursos que a condição juvenil experimenta, a partir dos mais diversos recortes: classe, gênero, etnia, entre outros." Em decorrência dessa postura, Spósito (2003) alerta para a importância de se tomar o conceito de juventude ¨Em seu sentido plural – Juventudes -, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os indivíduos nessa etapa do ciclo da vida."

Para Pais (1993, p.23), a sociologia da juventude tem "vacilado" entre duas tendências:

> a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, prevalecendo a busca de aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase da vida – aspectos que fariam parte de uma cultura juvenil, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários;
> b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes oportunidades ocupacionais, isto é, nesta tendência a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens de diferentes situações sociais.

Em virtude dessa oscilação conceitual, o autor identifica, no âmbito da sociologia (da juventude), que não devemos ficar reféns de uma única teoria, porém,

articular as duas perspectivas: "como aparente unidade (quando referida a uma fase da vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros)." (Pais, 1993, p. 33)

O aporte conceitual, apresentado acima, decorre de métodos antropológicos, como a etnografia e a história de vida, e foi constituído, observando as práticas cotidianas de juventudes. Assim, os modos de vida dos jovens expressam significados e valores, não só institucionais, mas também, simbólicos e individuais, tornando o conceito de juventude um conceito dinâmico. Essa ótica, mais plural, permite maior amplitude conceitual, bem como aumenta as possibilidades de viabilizar a compreensão da complexidade das vivências juvenis.

No dizer de Abramo (1994, p. 4) "A juventude, aparece assim, como uma categoria especialmente destacada nas sociedades industriais modernas como um problema da modernidade."

Sabemos que existe uma construção histórico-cultural em torno de juventudes, o que torna o tema polêmico, tanto do ponto de vista dos teóricos das correntes sociológicas, psicológicas ou culturais; como do ponto de vista das pessoas no cotidiano, as quais emitem opiniões decorrentes de influências ou observações, apoiadas em uma visão restrita das realidades juvenis. As gerações mais velhas constroem parâmetros para a juventude através de dicotomias entre certo/errado, bom/mau, pode/não pode e, a partir daí constroem mitos em torno dos jovens.

Neste artigo o argumento é a favor de uma postura de que são muitas as Juventudes, porque muitas são as diversidades culturais nas quais ocorrem. Logo, os valores que representam as Juventudes variam através do tempo, do momento histórico e da construção cultural, numa configuração complexa de uma pluralidade aqui denominada "Juventudes". Preconceitos produzidos pela linguagem, em torno da rebeldia e da irreverência comum a essa fase acabam por estigmatizá-la muitas vezes e erroneamente, como um problema. "Muitos dos problemas que são atribuídos aos jovens são, na verdade, elementos sociais e ideológicos que atravessam a totalidade das estruturas e relacionamentos sociais". (Carrano, 2003, p. 131.)

No trabalho de campo realizado durante a pesquisa de mestrado, foi de suma importância evidenciar o que os jovens pensam de si próprios e de seus contextos, a

partir de suas próprias histórias e das suas possibilidade de compartilhar seus espaços de vivência.

Enquanto pesquisadora procurei afastar quaisquer intenções de unificar, homogeneizar, sintetizar ou cristalizar essa etapa da vida, mas compreendê-la em toda a sua complexidade. Para Bourdieu (1980) considerar "jovens" como uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e relacionar esses interesses a uma ideia definida biologicamente, constitui uma "manipulação evidente". Portanto, mais adequado foi estudar jovens numa perspectiva de Juventudes, posição esta que encontra firme apoio em Pais (1993), Abramo (1994, 2003, 2005), Spósito (1997, 2001, 2002, 2003).

3. Pós Juventudes: o Problema das Fronteiras

É muito difícil precisar as fronteiras da juventude entre a infância e a maturidade, tendo em vista a heterogeneidade no processo de transição relativo aos contextos históricos, sociais, culturais e as diferenças de classe. Segundo Pais (1993):

> surge de modo cada vez mais visível uma folga intergeracional na qual alguns jovens parecem viver um período moratório, antes que consigam definir uma relação satisfatória e inequívoca entre os seus projectos de vida e os modos credíveis para os concretizar (p.323).

Essa posição tem uma origem teórica na sociologia da juventude em cujo âmbito alguns sociólogos defendem um enfoque da juventude como um tempo de espera. Esse conceito, segundo Pais (1993) poderia se propor como:

> [...] um tempo de espera, em relação a uma quádrupla responsabilidade: produtiva (através de um status estável ocupacional, laboral ou profissional); conjugal (constituição de uma relação conjugal estável); doméstica (obtenção de alojamento próprio, estável e autônomo) e familiar (constituição de uma prole dependente) (p.328).

Entretanto, apesar dessa proposição teórica, os resultados da pesquisa empírica empreendida pelo autor no contexto português, mostraram que "os jovens não se limitam a esperar, mas adoptam formas específicas de *status* ocupacional, conjugal e doméstico diferentes das dos adultos." (Pais, 1993 p. 329).

As formas de transição da juventude para maturidade divergem de acordo com a origem social dos jovens e de acordo com as suas trajetórias. Essas trajetórias

para o autor parecem ser *não apenas pela origem de classes, mas pelos destinos de classe.*

Nossas observações durante a pesquisa de mestrado na cidade de Juiz de Fora mostraram que os jovens, principalmente, os de classe baixa, começam a trabalhar muito cedo, alguns, ainda na infância e em situações precárias. Podemos considerar que há uma parcela significativa de crianças e jovens que dividem o tempo entre estudo e trabalho, seja no intuito de complementar as despesas da família, seja para financiar seus próprios estudos e/ou para usufruir bens materiais, culturais ou de lazer.

Frigotto (2004, p. 182) admite uma relativa extensão da infância e da adolescência ao discutir o tema Juventude, trabalho e educação no Brasil e chama a atenção para uma característica especial do contexto brasileiro, segundo ele, não é por escolha que os jovens, filhos de trabalhadores assalariados, estão inseridos, precocemente, no mercado de trabalho, mas por imposição de sua origem social. Para o autor esses jovens "tendem a sofrer um processo de adultização precoce".(p. 181). Essa situação, porém, "é diversa da dos jovens de "classe média", ou filhos dos donos de meios de produção, que estendem a infância e a juventude." (p.182).

A inatividade de Jovens tratada por Carrano (2003, p. 136) nos diz de uma "geração canguru", uma metáfora à restrição voluntária da autonomia de jovens que se aninham, mesmo já profissionalmente constituídos pela escola, sob a proteção financeira dos pais. O autor relata que a consciência dos jovens para com o mercado de trabalho faz com que universitários mantenham, "excessivamente", suas matrículas ativas prolongando "artificialmente" a condição social de membros das Juventudes.

No Brasil, diferenças econômicas e de classes influenciam, decisivamente, na passagem da infância para a vida adulta. Uma análise de jovens brasileiros permite verificar que aqueles oriundos de classes mais favorecidas podem, sim, se darem ao luxo de "esperar" a inserção no mercado de trabalho, de acordo com seus projetos e os de sua família, ao passo que nas classes menos favorecidas, os jovens não têm a mesma chance da "espera". Ao contrário, são levados pelas circunstâncias de seu cotidiano, a uma inserção forçada no mundo do trabalho, caracterizando um movimento contrário ao de moratória, ou seja, a existência de um fenômeno de antecipação da maturidade.

4. A Pesquisa de jovens em seus espaços de vivência

O primeiro contato com jovens inseridos precocemente no mercado de trabalho informal ocorreu na área de um *Shopping Centers*, neste local, havíamos observado a presença de jovens atuando como "flanelinhas". É uma região com grande concentração de pessoas e de veículos em virtude do comércio, dos cinemas, dos bares e restaurantes. Após observá-los, constatamos que os jovens demarcavam "pedaços" das ruas; ou seja, decidiam quem tomava conta de onde e em qual dia da semana. Assim, mapeamos os locais de trabalho e identificamos os jovens que atuavam em cada "pedaço". Nestas observações, percebemos que "pedaços", eram na verdade "tamanho do espaço" que cada um iria *vigiar.*

Além de jovens dessa região, entrevistamos jovens com idades entre 14 e 24 anos, trabalhando durante as madrugadas de quintas, sextas e sábados, próximos às portas de *boites*. Alguns destes jovens, durante as entrevistas, demonstraram interesse por livros e revistas, e enfatizaram a visão de que sem a escola não havia a possibilidade para conseguirem um bom emprego. Alguns deles, não tiveram condições de continuar os estudos, mesmo com toda política pública de acesso à escola; pontuaram dificuldades financeiras para pagar o transporte e destacaram a falta de escola no bairro em que moram. Outros jovens dividiam o tempo entre escola e trabalho. O dinheiro que arrecadavam, além de ajudar no orçamento familiar, financiava o transporte para a escola. Encontramos jovens que embora não tinham necessidade de contribuir no orçamento familiar, trabalhavam, para atender os desejos consumistas*, compravam tênis e roupas de marca*, o que não seria possível com o salário de seus pais.

Para o exercício do trabalho nas portas das *boites*, os jovens dividiam as ruas em vários "pedaços". Nas entrevistas diziam que não gostavam de participar de confusão e não depredavam veículos, mesmo que fossem de pessoas que tinham recusado os seus serviços. Esta postura pode ser comprovada durante as observações.

Nos trabalhos de campo, observamos que em duas regiões, havia uma concentração, de jovens de classe social favorecida, que buscavam nesse espaço, oportunidades de lazer e/ou de consumo. Freqüentavam estes lugares para comprar, dançar, beber, conversar com amigos ou namorar. Evidenciamos, portanto, um compartilhamento do mesmo espaço com os jovens, trabalhadores informais, o

qual é segmentado com base em interesses e vivências diferentes. É essa possibilidade de segmentação que torna imprescindível, no quadro teórico dos estudos que empreendemos, a introdução do conceito de "espaço" visando compreender como os jovens se apropriam dos espaços e delimitam os "pedaços" em que desenvolvem suas vivências.

5. A percepção de Espaços no contexto de juventudes.

> Não há uma só criação do espírito humano que não esteja de alguma forma, relacionada com o mundo do espaço e que não busque, de alguma maneira, sentir-se à vontade dentro dele. Tentar conhecer este mundo é dar o primeiro passo no sentido da objetivação, através da apreensão e da determinação do ser (CASSIRER, 1957, p. 150).

Santos (2004, p. 203) reconhece o espaço humano como resultado de produção. Para ele "o ato de produzir é, ao mesmo tempo, o ato de produzir espaço". A produção supõe a intermediação entre o homem e a natureza através de técnicas e de instrumentos de trabalho e esta organização social, pressupõe uma organização do espaço, portanto, é preciso levar em consideração que os homens se dividem em classes.

> A sociedade se transforma em espaço através da redistribuição sobre as formas geográficas, e isto ela faz em benefício de alguns e em detrimento da maioria; ela também o faz para separar os homens entre si, atribuindo-lhes um pedaço de espaço segundo um valor comercial (SANTOS, p.262, 2004).

Para Santos (2004), a ciência deve preocupar-se com o futuro de todos os homens e não com o de uma minoria, em seu entender, "a natureza modificada pelo trabalho humano é cada vez menos a natureza amiga e cada vez mais a natureza hostil" (p. 261).

O estudo de espaço exige o reconhecimento do lugar que cabe a cada um, entretanto, segundo Santos (2004), é fundamental trabalhar com a noção de causa-contexto e não com a relação causa-efeito. "Trabalhar com a noção de causa-efeito é trabalhar com o que se vê; e trabalhar com a noção de contexto é trabalhar também com o que não se vê e freqüentemente é mais importante que o visível". (2004, p. 264). O invisível nos leva para além da aparência, para o que está por trás

do fenômeno, o visível no coloca no risco de “tomar a aparência pela essência, de privilegiar a paisagem em detrimento da estrutura global que a anima”. (p. 266)

Para a compreensão do contexto, de jovens precocemente lançados no mercado de trabalho informal, nas ruas de Juiz de Fora, foi imprescindível a reflexão proposta por Santos (2004). Somada a esta reflexão, empreendemos também o estudo de Espaço e Lugar sob a perspectiva da experiência. Tuan (1980) acredita que a experiência é responsável pelas diferentes maneiras com que as pessoas conhecem e constroem a realidade e de que maneira atribuem significado e organizam espaço e lugar. Tendo como foco as relações pessoais e os valores espaciais Tuan (1980, p. 39) define o espaço como “um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias”, onde “pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e medi-las.” O lugar, para Tuan “é qualquer objeto estável que capta nossa atenção”. (1980, p. 179) A significância do lugar diverge de indivíduo para indivíduo, pois “a cultura, afeta a percepção”. (Tuan, 1980, p. 181)

Uma das possibilidades aberta por Tuan (1980b, p. 6) é a de demonstrar como os seres humano percebem e estruturam seu mundo. Para o autor “duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio-ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura – uma possível perspectiva entre muitas”.

O estudo de Espaço e Lugar, tanto na perspectiva de Santos (2004) como de Tuan (1980a; 1980b) possibilitou compreender o “espaço dividido” dos jovens, bem como a maneira como estes jovens dão significados ao lugar.

Pensar a situação dos jovens que trabalham informalmente nas ruas de Juiz de Fora foi uma maneira de pensar a vulnerabilidade e de se indignar com a situação precária da grande maioria das famílias brasileiras. A presença desses jovens, na porta dos carros, nas madrugadas, carece de ser vista com o olhar integrador, visando alternativas, sobretudo de inserção em condições dignas de vida.

6. Metodologia

A Metodologia utilizada foi de cunho qualitativo. A opção por esta abordagem veio da possibilidade de investigar fenômenos sociais em um contexto natural. Não seria viável, diante das diversidades culturais e sociais presentes no espaço urbano, partir de questões específicas e/ou hipóteses preestabelecidas.

Ao contrário, privilegiei a compreensão desses contextos a partir da ótica e da linguagem dos próprios sujeitos envolvidos na investigação. Dessa forma os dados foram coletados durante um prolongado contato com estes jovens. Não me vali de critérios de seleção rígidos para selecionar os sujeitos. Optei por trabalhar com pessoas jovens e a partir da visita em seus contextos, espontaneamente, elas participavam e os dados foram sendo construídos no curso da investigação. Desta forma, procurei me afastar de um modelo que garantisse representatividade dos dados através de amostras aleatórias.

Os locais das observações participantes foram escolhidos pelas características de uso do espaço urbano por jovens, trabalhando informalmente como "flanelinhas". Durante aproximadamente, um mês, observei o espaço urbano de Juiz de Fora e mapeei os locais marcados pela presença destes jovens. Retornei ao campo e observei suas atividades e a forma com que demarcavam as ruas para trabalhar. Identificados os locais, iniciei entrevistas informais, visando captar a possibilidade de alguns deles participarem da pesquisa.

Diante desta opção, utilizei, principalmente, estratégias etnográficas como observações participantes e entrevistas em profundidade. A opção por estas estratégias se justifica em Monteiro (2005):

> Textos etnográficos são, pois, construções interpretativas, feitas pelo pesquisador, a partir das interpretações que os sujeitos fazem de sua própria experiência e que ele procura compreender (p.5).

Foi o processo intersubjetivo, através da linguagem e a minha presença no campo como observadora, que propiciaram o acesso à cultura dos jovens estudados.

A observação participante deve ser entendida como um processo, onde, primeiro, o pesquisador atua como participante e ganha acesso ao campo e as pessoas e depois sua observação deve se concentrar nos aspectos essenciais da pesquisa.

Utilizei a estratégia de observação participante, no contexto da pesquisa, articulando-a com entrevistas abetas. Estas desempenharam um papel fundamental em meu processo de coleta de dados.

> A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN & BICKLEN, p. 134,1994).

O material produzido por este tipo de entrevista assegurou densidade e profundidade maior do que entrevistas estruturadas ou questionários. As entrevistas permitiram-me captar o universo dos jovens, melhor do que outras estratégias seriam capazes de elucidar. Desta forma, deixei de lado a preocupação com a objetividade (no sentido do meu não envolvimento) e assumi uma postura onde entrevistado e entrevistador, tornaram-se, ambos, em condições para o aprofundamento de uma relação intersubjetiva, essencial para o êxito da pesquisa.

Tentando compreender as culturas, vivenciadas nestes espaços, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado, busquei o apoio conceitual de Geertz (1989), que partindo da concepção Weberiana de que "o homem se encontra amarrado em teias de significação que ele mesmo teceu", tomou a cultura num sentido semiótico. (1989, p. 04). Pude compreender que a ação social é significativa tanto para quem a pratica, quanto para quem a observa.

Em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os "flanelinhas" utilizaram para definir significados, para organizarem os espaços que dividem e para regularem a conduta de uns em relação aos outros é que me permitiu interpretar significativamente as suas ações.

As minhas interpretações ganhavam significados quando os acontecimentos eram observados nos contextos que, tal como um cristal diante da luz solar, gerava muitas cores de diversas tonalidades. Assim, a conduta dos "flanelinhas" se revelou, desde a sua aparente obscuridade, do mesmo modo como a partir da aplicação da luz solar sobre o cristal se revela a multiplicidade das cores. O cerne do fenômeno antes oculto assim se tornou explícito. Talvez seja por isso que os "flanelinhas" levantem tantas polêmicas - Cada pessoa vê neles diferentes tonalidades e diferentes formas de um mesmo fenômeno.

7. Referências

ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis*; *punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita, 1994.

_____(org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.) *Retratos da Juventude brasileira:* análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____; FREITAS, Maria Virgínia e SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs.). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S.K. *Investigação Qualitativa em Educação*: Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é apenas uma palavra. *In*: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade.* Identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

_____, *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

FICHTNER, Bernd; FREITAS, Maria Teresa de Assunção; MONTEIRO, Roberto Alves (orgs).*Espaços e Identidades em Processos de Aprendizado e Desenvolvimento*. Juiz de Fora: FEME, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio.*Juventude, trabalho e educação no Brasil*: perplexidades, desafios e perspectivas. *In:* NOVAES, Regina; Vannuchi, Paulo (org.) *Juventude e Sociedade*. Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2004

GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa de cultura. *In*: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara-Koogan. S. A., 1989. p. 13-41.

MONTEIRO, R. A. Pesquisa em Educação: Alguns desafios da abordagem qualitativa. *In*: _____. (org.) *Fazendo e Aprendendo Pesquisa Qualitativa em Educação*. Juiz de Fora: FEME Edições, 1998 p. 07 - 22.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

Revista Brasileira de Educação. Juventude e Contemporaneidade. São Paulo: Edição Especial, ANPED n. 5/6, 1997.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

_____ *Por uma Geografia Nova*. 6ª ed. São Paulo: Edusp. 2004

_____*O Espaço dividido*. 2ª ed. São Paulo: Edusp. 2004

SPOSITO, Marília P. *A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade.* Tempo Social. São Paulo: Revista Sociologia da USP. v.5 n. 1 e 2, p.161-178, 1993.

_____. Educação e juventude. *Educação em Revista*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, n. 29, 1999.

_____. *Os Jovens no Brasil*: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

_____. *A produção de conhecimento sobre Juventude na área de educação no Brasil*. International Studies on Law and Education – 4 - ISSN 1516-6821 http://www.hottopos.com/harvard4/_ftn2 acesso feito em 9 de fevereiro de 2004.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.* São Paulo: DIFEL, 1980

_____ *Espaço e Lugar*. *A perspectiva da Experiência.* São Paulo: DIFEL,1983.